

## O Ubuntu e Direitos Humanos: aspectos da Filosofia Africana e sua aplicação

Nayara de Oliveira Soares Koseki<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise da filosofia africana do Ubuntu e o sistema africano de direitos humanos. A pesquisa trabalhou os pensamentos filosóficos africanos, analisando a filosofia do Ubuntu, fazendo uma relação com a proteção africana dos direitos humanos e dos povos. Assim, questiona-se se a filosofia africana, o Ubuntu, fornece mais subsídios para a compreensão dos direitos humanos africanos no contexto da globalização. O método de abordagem utilizado na pesquisa foi o dedutivo, no qual pautou-se em artigos e revistas especializadas. Em suma, conclui-se que a filosofia Ubuntu tem sua essência no respeito e no senso de humanidade.

**Palavras-chave:** Direitos humanos. Ubuntu. Comissão Africana. Corte Africana. Proteção de Direitos Humanos.

**Abstract:** The objective of this work is to analyze the African philosophy of Ubuntu and the African system of human rights. The research worked on African philosophical thoughts, analyzing the philosophy of Ubuntu, making a connection with the African protection of human and peoples' rights. Thus, it is questioned whether African philosophy, Ubuntu, provides more subsidies for understanding African human rights in the context of globalization. The approach method used in the research was the deductive, which was based on articles and specialized magazines. In short, it is concluded that the Ubuntu philosophy has its essence in respect and a sense of humanity.

**Keywords:** Human rights. Ubuntu. African Commission African Court. Protection of Human Rights.

### Introdução

A filosofia surge como uma busca da compreensão do mundo e de verdades encontradas na racionalidade humana de forma holística e integradora, permeando a construção de novas conexões em busca de novos territórios do conhecimento, trazendo manifestações aos distintos modos de existência do ser. Na contemporaneidade, a filosofia é produzida e disseminada em todos os continentes, com pensamentos sofisticados relevantes sobre o mundo e os mais diversos questionamentos das verdades. Nesse sentido, a filosofia africana, em detrimento do pensamento eurocêntrico e norte americano, apresenta-se a partir de uma preocupação com o outro e da existência humana de forma coletiva.

A filosofia africana suscita intensos debates entre defensores e detratores, apesar da contribuição em várias áreas do conhecimento, como por exemplo a metafísica, a epistemologia, a filosofia moral e política, sem perder de vista uma grande parte da literatura. Com o fim da colonização, os países africanos, através da Organização da Unidade Africana e das suas organizações regionais, empenharam-se na criação de diplomas legais para a proteção dos direitos humanos na África, consubstanciados no processo de descolonização e na autodeterminação dos povos.

### A Filosofia do Ubuntu

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Mestrado em Filosofia, na Universidade Federal do Piauí

O termo Ubuntu é a denominação de uma espécie de “Filosofia do Nós”. A palavra existe nos idiomas sul africanos zulu e xhosa que significa “humanidade para todos”. A origem desse nome remete a uma ética coletiva, cujo sentido é a conexão de pessoas com a vida, a natureza, o divino e as outras pessoas em formas comunitárias. Nela, repousa a preocupação com o outro, a solidariedade, a fraternidade, a partilha e a vida em comunidade, elementos que são princípios fundamentais da ética Ubuntu.

No campo filosófico e antropológico, o Ubuntu remete a cosmovisão do mundo negro-africano, eis que é o elemento central da filosofia africana, no qual concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino, a comunidade e a natureza. Esse pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas. Como elemento da tradição africana, o Ubuntu é reinterpretado ao longo da história política e cultural pelos africanos e suas diásporas.

Podemos assim definir o Ubuntu como uma batalha incansável pela efetividade da dignidade da pessoa humana. Nessa toada, elucidamos o pensamento:

Penso que o desafio das lutas por dignidade (e entre elas destaco a luta contra o racismo) é muito grande, demanda intervenções em todos os espaços que atuamos: ruas, família, escolas, religiões, mídia, internet, empresas, instituições estatais, partidos políticos, movimentos sociais e outros espaços específicos, que são espaços em que se produzem, se disseminam e se repetem valores, medos, preconceitos, discriminações, explorações, desigualdades, tentativas de disciplinarização e controle das singularidades (NASCIMENTO, 2014, p. 2).

O Ubuntu é a ética e base da filosofia dos povos africanos, ou seja, um princípio intrínseco dos povos baseado em ideais de solidariedade e compartilhamento. Nesse sentido, podemos entoar como uma característica de sua cultura a compaixão, generosidade, reciprocidade entre os povos africanos, visando a harmonia e manutenção de uma comunidade unida.

## Ubuntu e a sua aplicação

A filosofia do Ubuntu valoriza a integração entre os seres humanos de variadas formas, no qual transporta a comunidade para um local central no sistema. As práticas dessas comunidade, sejam elas as mais simples, como cumprimentos matutinos que demonstram relacionamentos interpessoais, vai além das habilidades de chefes e líderes africanos na diplomacia, suas qualidades em estabelecer comunicações com sensibilidade ao grupo.

Esta filosofia apresenta-se como um modo de vida para aqueles que buscam liberdade de forma indissociável dos valores humanos éticos, como observados nas lutas durante o regime segregacionista e racista do apartheid na África do Sul. Essa prática filosófica representou a experiência da tradição filosófica do homem negro contra a violência na reconciliação política e na constituição de sujeitos.

No que tange a expressão “Ubuntu”, é importante elucidar, além da sua finalidade e origem, o objetivo a qual expressa:

Uma das maiores expressões do Ubuntu se concentrou na Comissão da Verdade e Reconciliação na África do Sul, a comissão possuía como objetivo reconhecer as violações aos direitos humanos ocorridas com o Apartheid a partir do estabelecimento de um relatório detalhado; possibilitar a concessão de anistia aos violadores desde que cumpridos certos requisitos e possuam o perdão da vítima e estabelecer um relatório com recomendações futuras para evitar um possível retrocesso [...] (BORGE & DIALLO, 2020, p.10).

Esse retrocesso que é tratado no trecho acima ressalta a importância de reconhecer a identidade do indivíduo que se constrói e potencializa-se quando está em conexão com os demais membros da comunidade. A sociedade, nesse caso, vislumbra que toda conduta deve visar um bem comum para a comunidade, porquanto a falha de um é a falha geral.

Transpondo o pensamento de Ramose, Cavalcante (2020, 186) elucida que o Ubuntu é “a raiz da filosofia africana”, pois entende que “Ubuntu é, então, como uma fonte fluindo ontologia e epistemologia africana. Se estas últimas forem as bases da filosofia, então a filosofia africana pode ser estabelecida em e através do Ubuntu”.

### **Direitos Humanos africanos**

Nesse tópico, elucidaremos a Ética Ubuntu além dos direitos humanos africanos. Ela oferece uma perspectiva interessante e adequada para uma definição desse constituir-se coletivamente. Neste sentido, o ativismo político que se propõe a organizar a luta por equidade e o trabalho na democracia, desde os pontos de vista dos que vivem apenas das suas atividades e nelas querem ser reconhecidos. A aposta e o investimento num devir Ubuntu dos espaços (a serem) tornados comuns.

Necessário atentar a ideia do ser humano e a essência dos Direitos Humanos: este último orienta o modo como os seres humanos, individualmente, vivem em sociedade e entre si, bem como sua relação com o Estado e as obrigações que este tem em relação àqueles. Atribui a uma categoria de direitos assegurados a qualquer membro da humanidade e respaldados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. O ser humano, por sua vez, é caracterizado como um ser vivo racional.

Antes de qualquer outra consideração, oportuno lembrar que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas(1948), junto com o Pacto Internacional de Direitos Cívicos e Políticos e seus dois protocolos facultativos, assim como o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, formam a “Carta Internacional dos Direitos Humanos”.

Embora a Declaração não possua um caráter obrigatório para os Estados que a assinaram, apresenta-se como uma força moral, orientadora e de pressão, inspirando muitos tratados e pactos

internacionais. Mas, quando falamos de direitos humanos, questiona-se a quem pertence essa proteção aludida nos documentos:

[...] “os homens nascem e permanecem livres e iguais”; “todos os seres humanos nascem livres e iguais...”. De que homem, de qual ser humano se trata? Esses enunciados não esclarecem de que ser humano se trata, tem se aí a força, e ao mesmo tempo, a armadilha dos Direitos Humanos. O ser humano aludido aqui, é em princípio, um ser humano universal, isto é, um ser que olha para a mesma direção, um ser pretensamente unificado. (KASHINDI, 2019, p.13).

O ser humano tem dignidade em virtude de sua capacidade de comunidade, entendida como a combinação da identificação com os outros e da solidariedade com eles, onde as violações dos direitos humanos são degradações atrozess dessa capacidade. Quanto a dignidade humana, esta demonstra o valor fundamental dos direitos humanos, onde tornou-se o ponto de vista predominante entre filósofos morais, juristas acadêmicos, teóricos das Nações Unidas e as cortes constitucionais alemã e sul-africana.

Eis que indivíduos têm dignidade na medida em que têm uma natureza comum, isto é, a capacidade inerente de apresentar identidade e solidariedade com os outros. Nesse sentido, contemplamos o seguinte pensamento:

[...] o que faz um ser humano valer mais do que outros seres no planeta é, a grosso modo, a sua capacidade essencial de amar os outros de maneiras que os demais seres não podem. Se você tivesse que escolher entre atropelar um gato ou uma pessoa, você deve atropelar o gato, intuitivamente, porque a pessoa vale mais. Enquanto a teoria kantiana é a ideia que as pessoas têm um valor superior porque têm a capacidade de autonomia, a presente abordagem, de inspiração Ubuntu, é que as pessoas têm esse valor superior porque têm a capacidade de se relacionar com os outros de uma maneira comum[...] (METZ, 2016, p.15)

Para compreender a interpretação moral da teoria do Ubuntu, é importante o desenvolvimento da solidariedade, honrando relações amigáveis e fraternas, capacidade peculiar de se envolver em tais relações, interagindo com outras pessoas que respeitam os próprios sentimentos. Violações de direitos humanos são sérias degradações dessa capacidade, muitas vezes tomando a forma de comportamento muito hostil, que não constitui uma resposta proporcional, contrária à hostilidade do outro.

## **Considerações finais**

A filosofia Ubuntu apresenta-se com um pensamento filosófico de origem dos povos bantus, das filosofias africanas e suas formas de conhecimento de humanidade, de cultura, de história e das formas de relacionamento social entre os povos.

No que tange à ética Ubuntu, enaltece o conceito de humanidade em sua essência com seu modelo integrador do ser e de sua comunidade. A filosofia do “Nós” representa a concepção bantu da realidade da

existência de seu povo em uma dinâmica e movimento da existência do ser em comunidade e de se importar com o outro.

Assim, o fundamento da filosofia Ubuntu articula um respeito básico pelos outros, pela comunidade e pela integração do ser em sua realidade. Descreve o sentido de fraternidade e união entre os povos, na concepção de que todos são iguais e merecem ser respeitados.

Eis que podemos compreender o pensamento Ubuntu como uma filosofia africana do humanismo, pelas relações do ser e dos outros de forma coletiva. Prevalecendo a ajuda mútua entre os povos, os sentimentos de compaixão, calor humano, compreensão, respeito, cuidado, partilha, humanitarismo, resumindo tudo em uma só palavra: amor.

## Referências

BORGES, Gustavo Silveira; DIALLO, Alfa Oumar. **A filosofia africana do Ubuntu e os direitos humanos**. INTER: REVISTA DE DIREITO INTERNACIONAL E DIREITOS HUMANOS DA UFRJ, v. 3, n. 2, 2020.

CAVALCANTE, Kellison Lima. **Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano**. Revista Semiárido De Visu, v. 8, n. 2, p. 184-192, 2020.

DO NASCIMENTO, Alexandre. **Ubuntu como fundamento**. Ujima. Revista de Estudos Culturais e afrobrasileiros, 2014.

KASHINDI, Jean Bosco Kakozi. **Ubuntu como crítica descolonial aos Direitos Humanos: uma visão cruzada contra o racismo**. Ensaios Filosóficos, v. 19, 2019.

METZ, Thaddeus. **Ubuntu Como uma Teoria Moral e os Direitos Humanos na África do Sul**. Revista Culturas Jurídicas, v. 3, n. 5, 2016.